

A prática pedagógica educomunicativa como estímulo ao diálogo da comunidade escolar e protagonismo juvenil

Edemilson Gomes de Souza¹⁰¹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar reflexões e relatos sobre práticas pedagógicas educomunicativas buscando caminhos para fortalecer diálogos entre a comunidade escolar, promovendo o protagonismo juvenil, na perspectiva do direito humano. Assinalamos alguns desafios da interface comunicação/educação e apontamos algumas ações educomunicativas à luz das idéias de Ismar Soares, Paulo Freire e Martín Barbero. O relato de experiência foi desenvolvido no Centro Educacional Marista de São José no Projeto Jornada Ampliada que oferece atividades sócio-educativas de contra turno (rádio, TV, teatro, violão, entre outros.) para crianças e adolescente de alta vulnerabilidade. As citações referentes aos educandos são nomes fictícios para preservar a identidade dos mesmos. Dentre as praticas pedagógicas educomunicativas envolvidas no Projeto, a rádio e a TV foram as que mais mobilizaram os educandos, provocando inquietações de como esses instrumentos podem promover o protagonismo juvenil e levar a comunicação como um direito humano, dentro do espaço escolar.

Introdução

Os avanços tecnológicos, as mudanças no mundo trabalho e o desenvolvimento de novos conhecimentos, nos fazem questionar os modelos tradicionais de ensino que enfatizam a transmissão de saberes. A contemporaneidade cria cenários na educação, onde os educandos, além de demonstrarem suas incertezas diante do conhecimento, revelam suas inseguranças e mobilizações na busca de sentido para o ser. Os educandos da atualidade questionam, reivindicam, buscam ser ouvidos, quase que num grito de liberdade, de socorro. A escola deve se preparar para a nova configuração da sociedade. “Torna-se, na verdade cada vez mais evidente que os jovens estão em busca de novas propostas para a sua formação e que, para apostarem no estudo,

¹⁰¹ Mestrando em Educação, Comunicação e Tecnologia pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2006). Endereço: edemilsomgomes@hotmail.com.

desejam uma escola que responda a esses anseios e ofereça novos elementos ante suas realidades e vivências.” (SOARES, 2011, p. 25). Essas mudanças demandam novas metodologias de ensino, reflexões capazes de repensar o papel do educador e ressignificar o conceito de ensino e de aprendizagem. Esse processo possibilita a ambos os atores sociais – docentes e discentes – a formação do senso crítico, diante das diversidades da vida contemporânea. Nesse cenário urge uma postura ética inclusiva, capaz de promover contínuas reflexões sobre a prática pedagógica, em uma atitude de abertura às novas possibilidades de se ofertar ao educando espaços contextualizados de aprendizagem.

Somos sujeitos sociais, ensinamos e aprendemos em grupo, compartilhando saberes historicamente constituídos, negociando significados, em uma ação necessária, natural e inevitável. Para Freire (2003), “todos educam; todos ensinam e aprendem. Por isso, ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Aprender e ensinar são experiências paradoxais e complexas, que alavancam o ensino em um movimento dialético, dialógico e contínuo. São funções estruturantes que mobilizam a criatividade e não estão circunscritas ao espaço escolar, embora seja nele que a formalidade ocorra e os processos ganhem sistematicidade e aperfeiçoem procedimentos que alavancam o que entendemos por ensinar e aprender (FREIRE, 2003).

O processo de ensino-aprendizagem não se realiza apenas no contexto da educação formal, ele está nas mídias, nas relações sociais, nos espaços públicos, entre outros. O que falta na escola, os jovens buscam em outros espaços.

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional. (BARBERO, pág. 55, 2000)

Diante desse novo quadro a Educomunicação parece cada vez mais uma alternativa para esta sociedade que assimila e é assimilada pela cultura digital.

Este artigo apresentará alguns dados de uma pesquisa de mestrado em Educação na UDESC - realizado pelo autor – na linha de Educação, Comunicação e Tecnologia que está em andamento, mas que já permite algumas reflexões e podem auxiliar nos estudos da Educomunicação.

Educomunicação: a busca do diálogo

Viver em comunidade pressupõe partilhar objetivos, crenças, aspirações, conhecimentos, mentalidades, ou seja, partilha de cultura. A educomunicação potencializa essas ações, assim como abre novos horizontes para a forma de olhar o mundo e nele estar.

A educomunicação é o conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas (SOARES, 2003, p.22)

Por meio do trabalho desenvolvido pela educomunicação, os professores conseguem resgatar o centro de interesse dos alunos, que antes se mostravam desmotivados diante do processo de aprendizagem, pois saem da mesmice da sala de aula, desenvolvendo um processo dinâmico e prazeroso. Desenvolvem pesquisas sobre diversos assuntos, fazem entrevistas, fotografam, filmam, enfim, registram tudo aquilo que consideram interessante para depois editarem os filmes, montarem jornais, panfletos educativos, fazendo da aprendizagem um recurso para difundir o conhecimento adquirido. Os temas abordados podem variar de acordo com a disciplina, como: meio ambiente, escassez e desperdício de água, causas indígenas, matemática e física aplicadas no dia a dia, geografia, história, línguas, informática, etc. Com isso, as escolas podem desenvolver um projeto

anual, envolvendo todas as disciplinas, com a participação de todas as turmas, a fim de retratar algum assunto importante para a população.

De acordo com o jornalista Rossetti,

“nos projetos educacionais os alunos ampliam ainda mais o vocabulário e seu repertório cultural; aumentam suas habilidades de comunicação; desenvolvem competências para trabalho em grupo, para negociação de conflitos e para planejamentos de projetos. Além de auxiliar no desempenho escolar e outros ganhos. Além disso, a partir dessa participação, surgem grêmios estudantis, cooperativas de trabalhos, grupos juvenis de intervenção comunitária e periódicos”. (SOARES, 2011, p. 25)

Segundo Ismar Soares(2002, p.24), precursor da educomunicação no Brasil, o trabalho docente voltado para as práticas de utilização de recursos da mídia, torna os alunos críticos diante dos fatos sociais e dos meios de comunicação, “transformando o espaço escolar num grande espaço para a produção de rádio, música, revista, jornal, teatro, através de um processo democrático”. Mas é necessário “que os conceitos sejam produzidos de forma coerente com a verdade científica e coerente com os anseios da cidadania, associando-os. Isso é educomunicação”.

Para Soares (2002, p. 24):

[...] a Educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa. Para tanto, supõe uma teoria da ação comunicativa que privilegie o conceito de comunicação dialógica; uma ética de responsabilidade social para os produtores culturais; uma recepção ativa e criativa por parte das audiências; uma política de uso dos recursos da informação de acordo com os interesses dos polos envolvidos no processo de comunicação (produtores, instituições mediadoras e consumidores da informação), o que culmina com a ampliação dos espaços de expressão.

Essas ações educacionais não servem como salvação da educação, mas para pensarmos algumas saídas para um ensino que emancipa. Entender como se dá a comunicação no ambiente escolar e como essas práticas

pedagógicas educacionais estimulam o diálogo da comunidade escolar e potencializam o protagonismo juvenil. É apenas um ensaio em busca de novos olhares.

Educomunicação e o Protagonismo Juvenil

O termo protagonismo juvenil surgiu no cenário político e econômico no final da década de 1980, como a concepção de empoderamento e participação democrática da juventude, e está relacionado à noção de sujeitos de direitos, presente no Estatuto da juventude, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e no Estatuto da Criança e do Adolescente. A palavra é originada do grego *protagnistés*, que se refere ao ator principal no teatro grego ou que ocupa o papel central num acontecimento (FERRETTI, 2004). Essa expressão remete participação no processo de transformação política e social, atuação na comunidade, ao exercício da autonomia, a responsabilidade e ao exercício pleno da cidadania. (STAMATO, 2009).

Educar para a solidariedade e o protagonismo juvenil é uma exigência contemporânea, pois os problemas do cenário social possuem caráter e dimensões planetárias que não se pode ignorar.

Envolver a comunidade escolar (professores, alunos e colaboradores) na reflexão sobre protagonismo juvenil exige a resignificação das ações solidárias a fim de desenvolver o senso de responsabilidade social. Isso implica em assumir um compromisso pelo bem individual e coletivo, reconhecendo o outro, considerando sua singularidade e dignidade, enfim, compreendendo que toda criança, jovem, homem e mulher são seres humanos, que todas as culturas são boas e importantes, que o patrimônio da humanidade é comum, que os saberes podem ser válidos em determinados contextos, mas em outros não.

Uma formação voltada à solidariedade explora os direitos essenciais, assim como estabelece os direitos básicos. Para realizar esse trabalho, é preciso estabelecer entre a comunidade educativa uma rede solidária de apoio recíproco na realização e desenvolvimento dos objetivos educacionais que, por si, é também pedagógica, uma vez que cria um ambiente educativo em seu modo de ser e fazer.

Isso requer formação continuada, persistência, compreensão, dos problemas advindos dos diferentes contextos sociais e diferenças entre os sujeitos. Todos os membros da comunidade educativa devem ser convidados a refletir acerca do que cada um pode fazer para construir uma sociedade mais justa e como exercer sua cidadania, expressando, concretamente, a solidariedade. (JENKINS, 2008).

Um ensino de cooperação deve explorar o âmbito social, interpessoal, pessoal e acadêmico. Isso implica práticas consistentes que respondam a conflitos, situações e problemas relacionados aos sujeitos, à sociedade e à produção de conhecimento. Os sujeitos envolvidos no processo, considerando os contextos e as identidades, precisam elaborar construções pessoais cada vez mais complexas e abrangentes (JENKINS, 2008).

A sociedade contemporânea e suas demandas exigem que estejamos em constante movimento de aprendizagem, ou seja, que continuemos aprendendo ao longo da vida. Isso implica um processo de ensino-aprendizagem voltado a práticas reflexivas que incentivem, dinamicamente, o ensinar a pensar, a comunicar, a pesquisar, a raciocinar de forma lógica, a fazer sínteses e elaborações teóricas, a ser protagonista, enfim, a interagir com autonomia reflexiva, de forma a promover o exercício pleno da cidadania e de sua responsabilidade para com a sociedade (FREIRE, 1997).

Nessa linha de trabalho, percebemos a formação do aluno pesquisador, comunicador e solidário. Desenvolver essas competências exige mais do que formação acadêmica, pois implica cultivo de valores e princípios éticos a fim de favorecer o desenvolvimento da dimensão humana em todos os sujeitos do processo. Para tanto, precisamos estar abertos às situações emergentes em sala de aula e no cotidiano escolar, possibilitando estabelecer novas práticas e desenvolver esquemas mentais que articulem conhecimentos adquiridos e demonstrem mudanças de atitudes. A seguir veremos algumas práticas educacionais que potencializam o protagonismo juvenil, estimulando o diálogo na comunidade escolar.

Práticas pedagógicas educacionais

O Centro Educacional Marista – São José, que fica localizado no bairro Jardim Zanellato, desenvolve oficinas com práticas pedagógicas educacionais estimulando o trabalho em equipe. De acordo com Educador Social Daniel Binda nos anos de 2011, 2012 e 2013 as oficinas ajudaram no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, onde foram trabalhados vários níveis como a [socialização](#), [criatividade](#), [coordenação](#) motora, memorização, [vocabulário](#), entre outros aspectos. Através dos ensaios de teatro, os educandos puderam perceber traços da personalidade do aluno, do seu comportamento individual e em grupo, traços do seu desenvolvimento, permitindo um melhor direcionamento para a aplicação do trabalho pedagógico desenvolvido pelos demais educadores.

Segundo o Educador Binda as peças teatrais realizadas foram voltadas aos temas sociais e pedagógicos, saindo do universo intimista dos educandos e servindo a comunidade por meio de apresentações em outras escolas. A ideia foi levar música e literatura para os estudantes, contribuindo para o desempenho intelectual, favorecendo o trabalho em equipe, promovendo o protagonismo juvenil

e a socialização entre as escolas. De acordo com Daniel o objetivo da iniciativa não é formar atores, mas fazer com que os educandos tenham um primeiro contato e despertem o interesse pelo mundo do teatro e da música, melhorando a dicção, a expressão corporal, a desenvoltura e o trabalho em equipe. Segundo a Pedagoga Valéria Rech, do Centro Social: "(...) é possível perceber mudanças positivas nos educandos, as crianças que antes eram inseguras, quietas, tímidas, hoje se mostram confiantes, maduras, comprometidas e "cheias de vida", pois com o teatro e a música conseguiram vislumbrar um futuro cheio de possibilidades e seguem confiantes, sentindo-se capazes de alçar novos vôos".

Na opinião do educando Marcelo que interpreta Cristiano na peça 'Menino Narigudo', o aprendizado resultante da participação no teatro vale para o futuro: "A gente aprende a esperar o momento certo para as coisas, a conviver e interagir em grupo e a respeitar a todos".

A educomunicação é o conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas (SOARES, 2003, p.22)

Outra oficina que desenvolve praticas pedagógicas educacionais no Centro Educaional Marista - São José, é a oficina de rádio. Segundo Soares (1999), a rádio, como forma de educação, propicia o desenvolvimento da espontaneidade, ampliando a capacidade de compreensão e criação textual (considerando aqui a expressão de frases e o contar histórias), além de facilitar a aprendizagem de outros conteúdos educacionais. As oficinas têm trazido ganhos pedagógicos.

Por meio de oficinas de rádio na escola os educandos podem aprimorar a escrita e aprender a observar a mídia com outros olhos, tanto no sentido de ampliar o senso crítico como de buscar exemplos de ação a serem seguidos.

De acordo com o Educador Binda os educandos da rádio ganharam vez e voz. Melhoraram a oralidade e começaram a apreciar a leitura. A rádio se tornou um instrumento importante na aprendizagem dos alunos, além de funcionar como meio de entretenimento e lazer. De acordo com a educanda Mariana as oficinas da rádio, teatro e TVQ ajudam as pessoas terem autoconfiança, a mostrar que as pessoas são capazes de qualquer coisa e que nesse mundo não existem barreiras que não possam ser superadas, tanto melhora na aula, como no conhecimento, comportamento, em tudo, porque na vida precisamos de ensino e quando crescermos isso pode nos ajudar.”

Segundo Educador Daniel além dos inúmeros ganhos, a rádio despertou um interesse dos educandos para a área de vídeos, surgindo assim o TVQ um programa de produção audiovisual incentivando o educando ao hábito da pesquisa, da leitura e da escrita, a elaboração de roteiros, desenvolvendo o compromisso, a reflexão e o senso crítico, promovendo o protagonismo juvenil, exercitando a comunicação oral e favorecendo o trabalho em equipe. O “TVQ - Te Vejo Na Quinta” contou com os seguintes quadros: Ação e cidadania, Esporte, Agenda Cultural e Entrevistas.

Ainda conforme Soares (1999):

As práticas educacionais favorecem o exercício de relacionamentos igualitários e colaborativos entre todos os membros da comunidade educativa, envolvendo professores e alunos. Isso ocorre, naturalmente, quando os educadores valorizam o trabalho em grupo e não as iniciativas isoladas deste ou daquele pequeno gênio. O grande benefício, no caso, passa a ser de natureza política: os alunos acabam aprendendo que existem outras formas de produzir comunicação, além do modelo clássico, pelo qual o direito de expressão é garantido apenas a indivíduos e grupos privilegiados política ou economicamente.

A escola que queremos e o olhar que precisamos para o processo de ensino-aprendizagem não é algo novo. Na verdade o que há de novo é

possibilidade de integrar, de acolher, de possibilitar que os educandos tenham acesso ao capital cultural exigido pela escola e a sociedade, através de práticas educacionais (rádio, teatro, produção áudio visual), de contemplar o individual e o todo, o vazio e o cheio, o diferente e o igual, a multiplicidade e a singularidade, o construir e o desconstruir, em sucessivas idas e vindas. Atitudes que podem ampliar olhares e visões de mundo, transformar e emprestar significados aos saberes nos diferentes momentos históricos, sociais e culturais. Em uma perspectiva que se abre, sucessivamente para muitas outras.

Contudo, esse artigo foi encarado, por mim, apenas como um ensaio, pois entendo que ele foi o início de uma investigação que merece ser aprofundada dentro de um espaço de tempo maior, com consistência teórica, haja vista a relevância da temática na educação.

Referências

BARBERO, Martín. **Desafios Culturais da Comunicação à Educação**. Artigo. Comunicação e Educação. 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessário à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e terra, 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Extensão ou Comunicação?** 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o Conceito, o Profissional, a Aplicação. Contribuições para a Reforma do Ensino Médio.** Editora: Paulinas. 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais.** In: Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação. Brasília, Ano 1, jan./mar. 1999, n. 2. pp. 19-74.

_____. **Caminhos da Educomunicação.** São Paulo: Editora Salesiana, 2003.

_____. **Educomunicação: um campo de mediações. Comunicação & Educação.** São Paulo: Segmento, v. 7. n.19. p. 12-24. set./dez. 2002.

STAMATOS, Maria Izabel Calil. **Protagonismo Juvenil: Uma Práxis Sócio-Histórica de Formação para a Cidadania.** São Paulo. 2009- p.1

Autor



Edemilson Gomes de Souza é mestrando em Educação, Comunicação e Tecnologia pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2006). Contato: edemilsomgomes@hotmail.com.

